

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15108 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

ESTUDANTES INDÍGENAS TIRIYÓ E KAXUYANA DA EJA EM ESCOLAS URBANAS
Elenilda Silva de Moraes - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
Adalberto Carvalho Ribeiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ESTUDANTES INDÍGENAS TIRIYÓ E KAXUYANA DA EJA EM ESCOLAS URBANAS

Resumo: Apresenta estudo em andamento sobre relações de alunos indígenas com uma escola urbana amapaense. Abordagem metodológica é qualitativa com Estudo de Caso do Tipo Etnográfico. Quadros conceituais são os estudos culturais sustentando-se, em especial, na categoria interculturalidade. Os achados parciais apontam que numa escola historicamente universal e monocultural os tratamentos dados à diversidade são hostis e silenciadores – em especial aos grupos indígenas - a cultura eurocêntrica é estabelecida como inquestionável. No entanto, nas relações face a face entre as culturas indígenas e urbanas, dão-se pelo contexto de cada região.

Palavras-chave: Alunos indígenas, escola urbana, interculturalidade, EJA.

Este trabalho analisa relações entre atores discentes indígenas e não-indígenas numa escola urbana, diante do fenômeno migratório de indígenas para cidades a procura de educação escolar. A investigação tem como *locus* escola pública da rede estadual de ensino, situada em Macapá-AP, e investiga fenômenos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A base conceitual é a categoria interculturalidade. A Educação Intercultural chega ao Brasil pela Educação Escolar Indígena conforme Repetto (2019) e Marín (2006), contudo os conceitos Interculturalidade (nas perspectivas Funcional e Crítica) e Multiculturalismo se atravessam em meio ao universo escolar e são “denunciados” neste trabalho.

A escolha pela EJA reflete características desse fenômeno migratório, a movimentação periódica é realizada em grupos familiares e geralmente um grupo inteiro de indígenas é matriculado, podendo ser dividido na mesma escola, ou distribuído em diferentes unidades. Observamos que na capital Macapá a EJA carrega consigo um histórico processo de pluralidade com a presença desses atores.

A abordagem é qualitativa, justificada pela compreensão dos fenômenos nas suas

especificidades (Lüdke; André, 2022). Optamos por Estudo de Caso do Tipo Etnográfico, justificado pela peculiaridade das relações que se dão no cotidiano escolar, no turno da noite, e objetivamos realizar uma descrição densa do fenômeno (Geertz, 2008). Os sujeitos são alunos indígenas da etnia Tiriyo e Kaxuyana e os alunos não-indígenas de duas turmas da EJA Fundamental.

Revisando a bibliografia, necessário dizer que no processo histórico civilizador da educação brasileira, diversas etnias indígenas foram vítimas da violência de escolarização atravessada por interesses políticos e econômicos a partir da visão eurocêntrica de mundo. Por outro lado, em oposição aos racismos cometidos ao longo da história, os movimentos sociais no Brasil desempenharam (e desempenham) um papel de resistência e autoafirmação (Gomes, 2017). Exemplo é a Constituição Federal de 1988.

No contexto dos anos de 1980 e 1990, a sociedade brasileira testemunhou movimentos de redemocratização e a escola pública passou por forte expansão de matrícula escolar: a ampliação do número de vagas teve como resultado, apontados por Ramos (2018), a diversificação de alunos revelando a fragilidade dos sistemas de ensino. Veiga-Neto (2003) chama atenção para essa escola única destinada “a todos”, mas pautada na uniformidade do colonialismo, elitismo e racismo. A partir de então, debates a diversidade e diferença questionam o atual modelo de escola universal, monocultural e homogênea (Candau, 2016).

Di Pierro e Haddad (2015) discutem as políticas públicas de educação e refletem que elas não foram suficientes para o sucesso da EJA. Não obstante, percebemos que as questões multi e interculturais vem sofrendo rupturas epistemológicas (os conceitos são cooptados) tomadas por políticas de caráter neoliberal (Cordeiro, 2024), e nesse sentido, ações efetivas para diversidade cultural, tem se reduzido em ações folclorizadas. Na escola pesquisada, os achados preliminares reforçam as análises dos autores.

O quadro teórico da presente pesquisa nos mostra um panorama de alunos indígenas em escolas urbanas em diversas cidades brasileiras, notadamente na Amazônia. Esses casos dão luz a uma conjuntura regional evidenciando que o Capitalismo reverbera desde a exploração dos recursos naturais, a apropriação da terra, perseguição e genocídio, porém, chega também em nossas subjetividades por meio das relações interculturais nas escolas cujas práticas pedagógicas são amparadas pela monocultura escolar. Nas pesquisas de Costa (2017), Serpa (2017) e Rezende (2003) há, por exemplo, forte desdobramento para violências relacionadas a estereótipos de indígenas e há, sobretudo, violência mais explícita no interior da escola. Revelam, assim, um quadro pessimista do drama educacional dos indígenas em escolas urbanas. Contudo, demonstram que cada escola e região apresenta *modus operandi* próprio. Esses estudantes, circunscrito na própria cultura local agem de diversas formas pela autoafirmação e com resistência em meio aos fenômenos migratórios já constatados.

Ainda na centralidade cultural eurocêntrica, essas relações atravessam os conteúdos curriculares, a organização escolar com a tentativa de homogeneização dos alunos e suas

linguagens. A literatura demonstra como os alunos migrantes indígenas são tratados, com as mais sutis formas impregnadas na monocultura escolar. As nossas observações giram em torno desta problemática e o início das observações *in locu* nos trouxe importantes *insights* para reflexão.

Destacamos que estamos diante de um fenômeno já percebido em várias regiões brasileiras, mas, principalmente na Amazônia. E que, embora o seu estabelecimento se nutra do mesmo contexto político e econômico de expropriação e violência, as relações consequentes estabelecidas nas escolas tem similaridades, diferenças e suas idiossincrasias.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**. v.46 n.161 jul./set. 2016. p.802-820.
- CORDEIRO, Albert. As competências da cultura: a Interculturalidade funcional na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Teias** v. 25 n. 76 jan./mar. 2024
- COSTA, Erika. **Os povos indígenas na sala de aula: um estudo a partir de representações de estudante do 1º ano do ensino fundamental de uma escola de Campo Grande**. Dissertação de mestrado. Universidade católica de Dom Bosco. Campo Grande, 2017.
- DI PIERRO, M.; HADDAD, S. Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, maio-ago.2015. p. 197-217.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC editora, 2008.
- GOMES, Nilma. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, 8º reimpressão, 2022.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª ed. Reimpressão. Rio de Janeiro: E. P. U., 2022.
- MARÍN, José. Globalização, educação e diversidade cultural. **Tellus**, Campo Grande - MS ano 6, n. 11, out. 2006. p. 35-60.
- MORAIS, Clotildes. **Crianças Kaiowá e Guarani em uma escola urbana na cidade de Dourados/MS**. Universidade Federal de Grande Dourados. Dourados, 2020.
- RAMOS, F. Socialização e cultura escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** v. 23 e230006 2018.
- REPETTO, Maxim. O conceito de Interculturalidade: trajetórias e conflitos desde América Latina. **Textos e Debates**, Boa Vista, n.33, jul./dez. 2019. p. 69-88.
- REZENDE, Gerson. **Relação entre indígenas e não-indígenas em escolas urbanas; um estudo de caso na cidade de Campinópolis – MT**. Dissertação de mestrado em educação. Universidade federal do Mato Grosso, UFMT, Brasil, 2004.
- SERPA, Aila Oliveira. **Educação e urbanidade indígena: nas fronteiras Xavantineses**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2017.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Vera Maria Candau (org.). 2009.

